CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
10 e 14 de setembro de 2026

CAPE FEAR / 1991

O Cabo do Medo

Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / **Argumento**: Wesley Strick, segundo o argumento de James R. Webb e o romance *The Executioners* de John D. MacDonald / **Fotografia**: Freddie Francis / **Montagem**: Thelma Schoonmaker / **Direcção Artística**: Henry Bumstead / **Música**: Bernard Herrmann / **Direcção musical**: Elmer Bernstein / **Genérico**: Elaine e Saul Bass / **Intérpretes**: Robert De Niro (Max Cady), Nick Nolte (Sam Bowden), Jessica Lange (Leigh Bowden), Juliette Lewis (Danielle Bowden), Joe Don Baker (Claude Kersek), Robert Mitchum (Tenente Elgart), Gregory Peck (Lee Heller), Martin Balsam (Juíz), Illeana Douglas (Lori Davis), Fred Dalton Thompson (Tom Broadbent), etc.

Produção: Barbara De Fina, para a Universal / **Cópia**: DCP, cor, legendada eletronicamente em português / **Duração**: 128 minutos / **Estreia Mundial**: Novembro de 1991 / **Estreia em Portugal**: Alfa, Amoreiras, Mundial, São Jorge, Fonte Nova, Terminal, em 6 de Março de 1992.

Em 1962 Jack Lee Thompson dirigiu um thriller que se tornaria um clássico: **Cape Fear**, adaptado de uma novela do escritor de policiais John D. MacDonald, que conquistou um estatuto de "culto" graças, principalmente, à interpretação de Robert Mitchum na figura de um ex-condenado que planeia uma sinistra vingança contra o advogado que o defendera (mal). Num único plano, ao começo, o carácter do personagem era definido quando subindo as escadas do tribunal passa indiferente por uma mulher que deixa cair os livros e nem sequer se digna olhar para trás. Mas a própria história era, para o seu tempo, extremamente forte e violenta. 30 anos depois Steven Spielberg quis refazer o velho clássico. Aliás o argumento adaptava-se bem ao estilo de Spielberg, com aquele crescendo de acção e a alucinante sequência final no rio. Este tipo de violência é menos inédita do que parece na obra de Spielberg: basta lembrar o segundo Indiana Jones (**Indiana Jones and the Temple of Doom**) e um filme que projectava realizar e de que seria apenas o produtor: **Poltergeist**. Aliás, como este filme, também a segunda versão de **Cape Fear** resulta de uma espécie de compromisso. Martin Scorsese contou como as coisas o levaram a este filme. Após **Goodfellas** e **The Last Temptation of Christ**, Scorsese pensou fazer algo menos "comprometido", optando por um filme mais dentro do "sistema", pois por contrato "devia" ainda um filme à Universal. Spielberg convidou-o, por isso, a fazer **Schindler's List** por não se sentir ainda capaz de abordar um tema como aquele, preferindo que Scorsese o dirigisse depois de ver **The Last Temptation...** Depois de um primeiro trabalho no argumento Scorsese sentiu-se como se "roubasse" um projecto "pessoal". Este acabou por reescrevê-lo e fazê-lo com os resultados conhecidos. Scorsese, por seu lado, resolveu aceitar este "exercício spielberguiano" como definiu **Cape Fear**, mas também ele acabou por transformar um produto de "estúdio" numa obra se não pessoal pelo menos marcada pelo sua maneira de ver o mundo e pelos temas que percorrem toda a sua obra. Mas antes de tudo, Scorsese utiliza o filme como "cinéfilo". É sabido que o autor de **Raging Bull** é também um apaixonado e um profundo conhecedor da história do cinema. De certo modo, a realização de **Cape Fear** é uma espécie de "tributo" ao cinema. Refazer o filme de

Thompson foi uma espécie de "viagem" ao passado. Só que no seu caso tal digressão não se faz pelo caminho da "nostalgia" e sim por uma "releitura" pessoal. Scorsese celebra o filme original mas diverte-se a "inverter" algumas das figuras arquetípicas do filme. A celebração passa pela inclusão de actores do original, mas agora em papéis que estão nos antípodas dos que lá tiveram. Mitchum, o psicopata (e neste campo o seu Max Cady é a sua mais lendária criação ao lado de **The Night of the Hunter** de Charles Laughton) é nesta versão o íntegro sheriff que inclusivé se recusa a "sugerir" a agressão ao psicopata; Gregory Peck, o herói e advogado do original é aqui também um advogado, mas venal, uma ameaça para o "herói"; Martin Balsam, o detective do primeiro, pronto para actos menos legais, tem no filme de Scorsese o papel de um juiz de uma religiosidade salomónica (que Peck-advogado não deixa de sublinhar). Inclusivé Scorsese vai buscar a notável música composta para o original por Bernard Herrman (compositor preferido de Hitchcock e cujo último trabalho no cinema foi num filme de Scorsese: **Taxi Driver**). Mas esses são os jogos de citações. O tema esse, é muito diferente. O segundo **Cape Fear** pouco tem a ver com o primeiro e tem muito a ver com o cinema de Scorsese.

A começar pelo tema da traição. É ele que aqui domina, como em quase todos os filmes do autor. A traição numa relação determinada, seja de amor (**Casino**) de amizade (**Goodfellas**), de fé (**Last Temptation…**, **Boxcar Bertha**), ou, como em **Cape Fear**, a um contrato, que aqui se estabelecera entre um advogado e o seu cliente. Não se trata de uma "vingança" no sentido clássico do termo, mas sim de uma punição por esse acto. Como Cady (De Niro) diz quando Sam (Nolte) lhe pergunta porque não vai ameaçar o juiz ou o procurador que o condenaram, estes "fizeram o seu trabalho", o que lhes competia. Sam não, pois ocultou uma prova que poderia ter ajudado Max. Se as suas razões podem ser "aceitáveis" (Cady tratara a vítima com requintes de sadismo e era um perigoso psicopata) profissionalmente correspondem a uma falta. Trata-se, no fim de contas, do velho conflito entre a moral e a ética profissional e o "crime" de Sam foi ter deixado que nele a primeira se sobrepusesse à segunda. A quebra das regras tem de ser punida, e Max surge, por isso, como o "anjo vingador" (o primeiro plano dele, de costas na cela com os braços em cruz e o corpo coberto de tatuagens, onde se destacam os pratos de balança nas omoplatas, reforçam essa imagem) o que o afasta logo do personagem original de Mitchum, sedento de vingança.

Mas a figura de Max Cady vai servir para outros problemas. Quando ele chega, a família Bowden (Sam, a mulher e a filha) está à beira da desagregação. A filha perde a confiança (Cady irá explorar isso numa prodigiosa sequência de "sedução" em que surge como o "lobo mau" na floresta e Danielle como o capuchinho vermelho, num cenário onde o "irrealismo" do palco aporta uma atmosfera inquietante e de ameaça, que contamina o espectador, em especial no momento em que a rapariga foge pelas escadas), a mulher está farta de uma situação hipócrita dominada pela cobardia do marido que nem tem coragem para a enganar (esta hipocrisia, simétrica da que tivera com Max no julgamento, irá ser também explorada por este). Todo o filme mais não é do que a exposição a nú da moral hipócrita de Sam. É neste perigo que ele, finalmente, vai renascer e no combate doloroso que vai travar, simbolicamente nas águas turbulentas do rio (ilustrado por uma fotografia que potencia a sensação de ameaça e da autoria de Freddie francis) reencontra o espírito perdido da família. A vitória sobre Max é, antes de mais, uma vitória sobre si próprio.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.